

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	
Portugal (franco de porte. m. forte)	38800	18900	5950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	26000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 626

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

15 DE MAIO DE 1896



## CHRONICA OCCIDENTAL

Afinal vieram as chuvas, depois de tantos desanimos dos lavradores, de tantas preces. Agora mesmo, quando escrevia o titulo no alto d'este linguado, ouvi um trovão longiquo. A atmosphaera está pesada, ameaçadora; o cariz está minaz, como diria um classico. Em algumas aldeias subiram ao ar foguetes e repicaram os sinos. Bom é que todos andem contentes.

Que nada é tão certo como lavradores errarem prophcias. Por isso um bom saloio, que eu conheço nunca pedia a Deus sol nem chuva, mas que fizesse o que entendesse e lhe desse um anno bom.

Quando Deus queria,  
De leste ventava,  
Do norte chuvia.

Quando Deus quer, tudo faz pelo melhor.

Andam os lavradores contentes e esperam um bom anno de vinho; muitas colheitas de trigo se salvaram e o anno da fome prophetisado pelos arrelhiadores não será tão medonho como foi annunciado.

Tardes com chuviscos, manhãs deliciosas, vai correndo o mez de maio ao contrario do que diz o dictado de março, marçação.

Está a primavera a despedir-se e dentro em pouco virá junho com seus calores de rachar, as peras de Santo Antonio, as ginjas vermelhas, as fogueiras de S. João, as festas populares tão alegres, tão nossas.

Começam as emigrações, emigrações dos ricos para os campos, dos artistas para a provincia e Brazil.

Que nos conste só duas companhias dramaticas portuguezas vão este anno atravessar os mares em busca de novas glorias e fortuna. São ellas a do Principe Real de Lisboa, levando como estrella Amelia Vieira, e a do Principe Real do Porto, ainda não completamente organizada, mas que já conta com o concurso de actores de grande valia, como Taveira, Santos, Gaspar e Telmo, e duas estrellas de primeira ordem, Angela Pinto, cujo exito no Brazil será colossal, e Thereza Mattos, que no anno passado deixou o nome vinculado aos maiores triumphos da famosa companhia, que ali foi, levando como director, Affonso Taveira, e como maestro, Cyriaco de Cardoso.

Dizem-nos que Amelia Vieira tem no seu repertorio algumas das peças que maior exito obtiveram este anno em Lisboa. O repertorio da companhia de Taveira é enorme, sendo um grande numero das peças ainda completamente desconhecidas no Brazil.

Cyriaco de Cardoso está trabalhando na musica do *Bibi & C.*, peça que irá d'aqui completamente ensaiada e que dará talvez no Porto a sua primeira recita, dias antes da partida da companhia.

Emquanto a peça se ensaia o theatro abre todas as noites as suas portas aos admiradores de Emanuel e Rossi.

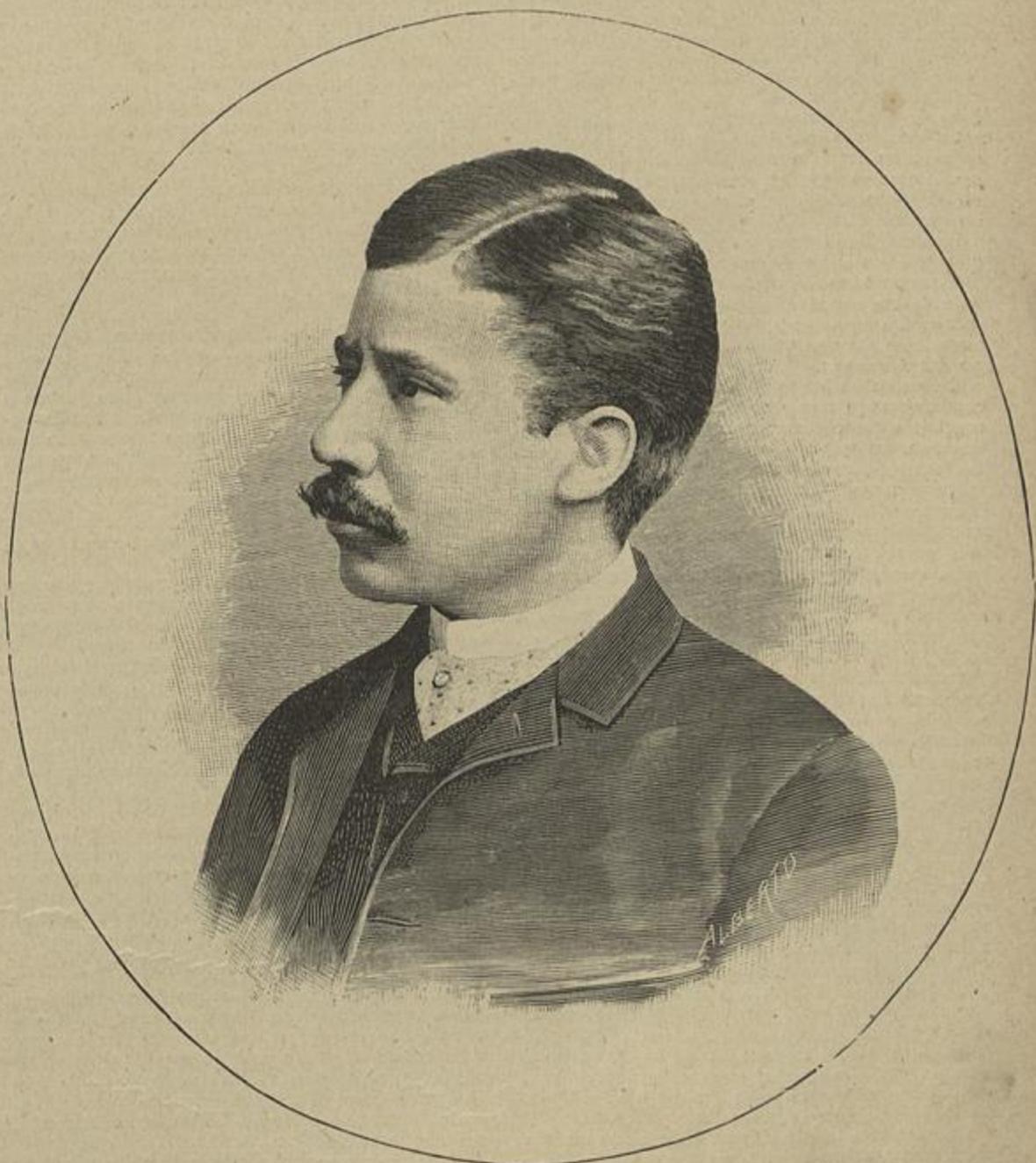
O *Rei Lear* já obteve duas enormes enchentes, sendo Emanuel applaudidissimo. O *Hamlet* deu uma casa á cunha e foi colossal o triumpho do extraordinario artista italiano, classificado aqui como o melhor interprete de Shakespeare que tenha vindo a esta cidade.

Effectivamente Emanuel é verdadeiramente prodigioso na interpretação d'aquelles dois personagens. Não ha um só olhar, um pequenino movimento de cabeça, um reforçar ou desmaiar de voz, que seja deixado para a inspiração do momento, para o arrebatamento de paixão na posse do papel. Foi um estudo reflectido, foi uma demorada procura da razão das palavras, que o levaram áquella maravilhosa execução dos dois complexos personagens.

A dicção, em geral, tão simples o gesto tão moderado, quanto permite a situação.

O *Rei Lear* nem no momento em que expira so-

bre o cadaver da filha deixa de ser aquelle homem que, victima de ingratidão, repellido por aquelles que mais amava, roga a Deus que lhe dê paciencia. É sempre o mesmo homem bom, santo, alquebrado, victima, nos ultimos dias da vida, da sua bondade, da sua santidade, da sua fraqueza. Se por vezes lhe falta a linha heroica que a situação pedia, é que o contraste poderia parecer contradicção, é porque não ha forças humanas para mostrar aquelle vulto em todas as suas fatigantes complexidades. A linha geral do papel foi traçada com pulso firme por uma clarissima intelligencia



CONSELHEIRO JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO — MINISTRO DO REINO

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

e seguida pelo actor sem grandes desvios, embora muito logicos ás vezes, desde a bellissima scena da divisão do reino, até á tragica morte que vem arrancar lagrimas e gemidos aos olhos mais rebeldes, aos peitos mais duros.

O *Hamlet* foi, dissemos, um triumpho para Emanuel, sendo colossal a ovação que lhe mereceu o dialogo com Ophelia, no segundo acto do arrego. Toda a linha nobilissima do principe de Dinamarca é conservada pelo actor de principio ao fim da peça; o typo do Hamlet nem por um momento descaí da esphera ideal em que Shakespeare o faz mover. E parece-nos que um actor só está na verdade, quando põe acima da realidade um personagem, que assim foi sonhado pelo poeta, e que tinha o magico poder de falar com as sombras dos mortos.

As justissimas ovações com que foi recebida no Porto a companhia italiana tem sido compartilhadas por Montagna, que foi justamente applaudido no *Hamlet*, no acto de loucura, e Cesar Rossi que nos deu, nos *Rançan*, um mestre-escola de primeirissima ordem. É este realmente um artista distincto entre os primeiros e a deliciosa comedia de Erckman. Chatrian raras vezes terá tido uma mais brilhante distribuição.

Hoje que a naturalidade, a simplicidade dos meios para obter os maiores effeitos, o desprezo absoluto dos rodriguiños e cordelinhos, são o ideal artistico de todo o actor, é ainda com os velhos que muito ha que aprender. É essencial para isso a graça, a expressão, uma certa ingenuidade no dizer, no gesticular, qualidades que em gráo notavel se observam em Cesar Rossi e no nosso querido artista, gloria do theatro portuguez, o immortal Taborda.

O que ha de mais selecto no Porto como alta sociedade e de mais notavel nas letras, tem corrido ás recitas da companhia italiana.

Guerra, Junqueiro, o enorme poeta que ainda ha poucos dias firmou os bellissima versos da *Patria* e que em plena cidade, capital do norte de Portugal, vive como eremita, deixou por uma noite a Thebaida, que fica ali para os lados da Boa Vista e veio applaudir o *Rei Lear*. Foi n'essa occasião que lhe ouvi falar com enthusiasmo d'um livro, ha pouco sahido do prelo, e cujo auctor, um estudante ainda, quasi uma creança, ha muito para mim se revelára poeta de merito extraordinario. Na nossa proxima chronica falaremos d'elle, d'esse pequenino livro adoravel, do *Nada* de Julio Lantás.

Fica-nos isso para mais tarde, que é dos livros que precisamos ler e reler para falarmos d'elles. Estavamos no theatro, no theatro ficaremos.

Já andam por ahí distribuindo os prospectos da companhia do theatro de D. Maria, que deve aqui estreiar-se no proximo sabbado, 16, com *O Amigo das Mulheres*.

É sempre no Porto admiravelmente recebida a companhia do nosso primeiro theatro de declamação, e os nossos actores são sempre aclamados por um publico avido de ouvir as mais afamadas peças do repertorio.

No theatro de S. João durante o inverno trabalha uma companhia lyrica, no do Principe Real só por muito rara excepção se annuncia peça que não seja opera comica. É só no verão que uma ou outra companhia de Lisboa apparece trazendo algum original portuguez e as traducções das peças mais afamadas do theatro estrangeiro. Por isso são esperadas com anciedade e aclamadas com enthusiasmo.

Lucinda Simões retirou-se para o Minho, não tendo podido levar á scena o *Fr. Luiz de Sousa*, segundo se diz, por falta de actores.

E passado mais um mez ou dois, o Porto, como todas as grandes cidades, estará quasi deserto. A sua população muda-se para a Foz, Leça, Mattosinhos. São lá os passeios, os concertos, os bailes.

Fechados os theatros, abandonado o Porto pela parte mais rica da população, o silencio cahirá mais cedo, pelas noites, sobre a cidade. Apagada a iluminação nos cafés, fechadas as lojas, o relógio da torre dos clérigos baterá no silencio as horas da noite.

O descendente de Pedro Cem, um pobre velho com mais de cem annos, de longas barbas brancas, que, todas as noites, á meia noite, vai resar á porta dos Congregados, dirá mais tranquilamente as suas orações. Erguerá os olhos turvos para as estrellas que lhe sorriem e o chamam e, quando fôr para ellas, levar lhes-ha um seculo de dôres.

Silencio em toda a cidade, depois que o velho recolheu, batendo com a ponteira do bordão, o granito das calçadas.

Mais tarde os passos arrastados d'um ou outro policia, tropeção n'um ébrio.

—Acompanhe-me, dizia uma d'estas noites um municipal a um bebado celebre d'aqui.

E elle, muito ingenuamente:

—Porque? Tem medo?

João da Camara.

## CONSELHEIRO JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO

Honra-se hoje o OCCIDENTE enriquecendo a sua vasta galeria com o retrato do illustre ministro do reino, conselheiro João Franco Castello Branco, cuja individualidade se destaca entre os modernos estadistas portuguezes.

Nenhum como elle conquistou em menos tempo e com mais justiça as eminencias do poder; nenhum outro correspondeu mais cabalmente á espectativa publica, sempre exigente para os que lhe pedem o sufragio.

Na lucta de ambições que hoje disputam o poder, é grande gloria o triumphar. Muitas vezes a audacia sobreleva ao merito; mas se elle não existe o triumpho é ephemero, e pôde, quando muito, satisfazer de momento ambições mal soffridas, ou a vaidade impertinente, mas afinal cae e desfaz-se como a bolha de sabão.

Triumphar, conservando virentes os loiros da victoria, só é permitido aos espiritos privilegiados, áquelles de quem as ambições honradas, se justificam pelo triumpho de idéas, que, por serem boas encontram a resistencia e provocam a lucta, a eterna lucta do reformador, que vae na vanguarda combatendo abusos, vícios, erros, e luctando tanto mais quanto mais honesto e intranquillizante é o luctador.

Pois é assim o homem que hoje sobraça a pasta do reino. Todos o sabem pelos actos do seu governo, e pela sua vida publica; seria bem inutil repetil-o.

Não vae longe a época em que o homem de quem escrevemos se sentou pela primeira vez nas cadeiras do parlamento; foi em 1884 a sua estreia parlamentar; estreia brilhante, que logo o sagrou um orador dos que dominam as assembleas; dominio que tem sabido guardar, sem esmorecimentos e antes com a energia de character, e a eloquencia convencida pela causa que defende ou ataca.

Experimentado no fóro, pois representou o ministerio publico em Satam, Alcobaca, Baião e Lisboa, na tribuna parlamentar não o assustaram as pugnas da palavra, restando apenas saber se aos superiores dotes de orador correspondiam os predicados de estadista.

Vejamos:

Somos lembrados d'aquelle tempo da publica administração, os annos de 1886 a 1889; em que se havia desenvolvido a febre extranha do ouro e dos negocios que nos dava a illusão de que o paiz estava rico e nadava em dinheiro. Entretanto a divida nacional crescia assustadora e aquella riqueza emprestada teve a sua natural consequencia n'uma crise financeira e economica, que os acontecimentos de janeiro de 1890 aggravaram.

Os cofres publicos estavam exhaustos e egualmente o credito do paiz.

Foi então, n'estas circumstancias que Franco Castello Branco subiu pela primeira vez aos conselhos da corôa, sendo ministro da fazenda, no ministerio presidido por Antonio de Serpa.

A missão era espinhosa; as difficuldades grandes. Para um piloto experimentado era o cargo pesadissimo; para estreia de um parlamentar era esmagador.

Só uma vontade de ferro poderia fazer face aos perigos que assaltavam a fazenda publica; só a um espirito energico e honrado viria a coragem de arrostar com a situação.

Era preciso dar conhecimento ao paiz do estado real das suas finanças; dizer-lhe a verdade inteira a fim de que elle não extranhasse os sacrificios de que havia mister. A difficil tarefa, o penoso encargo assumio o Franco Castello Branco, vindo á camara declarar honradamente o que de ha muito andava mascarado, embora se lhe sentissem os effeitos perniciosos.

Para a esconjura do mal era de urgencia uma administração austera, o restabelecimento da moralidade nos negocios, e apear o bezerro de ouro que tinha fascinado tantos espiritos.

Todos assistimos a essa derrocada cruel, mas inevitavel, para se salvar a honra do paiz; e o homem que teve a coragem de iniciar a campanha, foi o actual ministro do reino.

Assim provou as suas qualidades de estadista. Os acontecimentos que vieram de janeiro a agosto de 1890, determinaram a queda do ministerio Serpa Pimentel; entrantanto o titular da fa-

zenda deixava decretado o 60% adicional e o monopolio do tabaco; medidas que o deploravel estado do thesouro tornou uma dura necessidade para o equilibrio das finanças.

A situação que veio depois do gabinete Serpa Pimentel, não foi menos atribulada; e o honrado general João Chrisostomo d'Abreu, que assumiu a sua presidencia teve, em maio de 1891, que pedir a demissão do ministerio, encarregando-se comtudo, por um esforço patriotico, de organizar novo governo.

Foi n'este gabinete que João Franco entrou pela segunda vez nos conselhos da corôa, encarregando-se da pasta das obras publicas. Ali proseguiu em sua administração reformadora, realisando importantes economias, ante as quaes não hesitou, levado pela justa ambição de bem servir o seu paiz, nas difficeis circumstancias em que elle se encontrava.

Pouco se lhe deu das inimizades dos que vivem da politica e dos favores do governo. Elle não vinha ali tão apenas para servir os amigos e attrahir os satelites do interesse; vinha servir a nação como tinha por bem ser-lhe mais util, no meio do desbarate em que tudo se encontrava. E a opinião publica fez-lhe justiça.

Estava satisfeita a sua consciencia.

O segundo ministerio organizado pelo general Abreu e Sousa não logrou viver alem de fevereiro de 1892, substituido que foi pela situação Dias Ferreira, que só guardou o poder até março de 1893.

A crise financeira vencia todos os governos, e uma outra crise, não menos perigosa, augmentava a olhos vista, perturbando a ordem e estabelecendo a anarchia.

A revolta de janeiro de 1891, no Porto, embora suffocada ao nascer, deixára inquietos os espiritos e augmentara a desconfiança publica.

O governo não aparentava ter a força bastante para restabelecer a ordem e o credito. O mal estar era geral, e a cada canto se mostravam os salvadores da cousa publica, que nada salvavam, antes tudo compromettiam.

O gabinete Hintze Ribeiro, que succedeu áquelle, (Dias Ferreira), subia ao poder nas circumstancias as mais difficeis. Tinha que pedir novos sacrificios á nação, e encontrava os espiritos exaltados, irriquiotos, maus de dirigir e de orientar.

Com este governo subiu pela terceira vez aos conselhos da corôa Franco Castello Branco, assumindo a pasta do reino. Era já uma garantia para a boa gerencia do ministerio, e foi o seguramente porque os factos logo se encarregaram de o demonstrar.

A anarchia, parecendo ter estabelecido em Portugal seus arraiaes, foi pouco a pouco dominada e definida a situação de governantes e governados.

Cada um no seu logar.

A reforma administrativa, a eleitoral, as de segurança publica, o acatamento das leis, tudo veio para a restauração da ordem e para a da tranquillidade publica, a cuja sombra tem obtido melhoras o estado financeiro e economico do paiz.

É isto o que vem em grande parte, da austera energia do actual ministro do reino.

E mais e muito mais haveria que dissessemos, se estas breves palavras, que ora acompanham o retrato do illustre ministro, tambem mais fossem que um ligeiro esboço da historia contemporanea, e porque ella é conhecida, ainda que por vezes mal avaliada, não nos furtaremos em voltar ao assumpto, que agora a estreiteza de tempo não consente mais delongado.

Taes como são estas despertenciosas linhas, escreveram-se em condigna homenagem á verdade, ainda que as temos em pouco para exacta biographia de homem tão eminente.

Caetano Alberto.

## CARTAS A UM PHILOSOPHO

### III

A escravidão no paganismo era auctorizada pela doutrina dos sabios e pela sancção de muitos seculos. A vida abjecta e degradante, a que por lei era obrigada grande parte do genero humano, havia de necessariamente dividir a sociedade em dois campos, um de senhores, o outro de escravos: os primeiros gosavam e opprimiam; os segundos trabalhavam e soffriam. Nem se lhe consentia o triste recurso das lagrimas; os escravos só tinham deveres e não tinham direitos. N'esses tempos dava-se entre os senhores e os escravos as mesmas relações que hoje existem entre o ho-

mem e um qualquer animal, ou menos ainda, porque actualmente se a sciencia não reconhece direitos nos animaes recommenda a caridade para com elles, e na antiguidade estas ideias eram desconhecidas.

A Igreja pregando a igualdade de todos os homens perante Deus mostrou a injustiça da escravidão: fulminando a usura<sup>1</sup> e prometendo aos pobres a bemaventurança, censurou os ricos e poderosos da terra, e deu áquelles uma força de re-signação que até ahí era desconhecida.

Estas, e mais outras doutrinas, na verdade singulares, para a epocha em que foram annunciadas, deram origem a uma propaganda obstinada, que durou perto de tres seculos, e que pôde dizer-se uma verdadeira guerra entre martyres e verdugos.

A igreja catholica, n'estes tempos, convenceu com argumentos os letrados, e persuadiu com santos exemplos os simples e ignorantes. A taes armas não ha resistencia possivel por muito tempo: e o facto é, que ou fosse calculo, ou fosse desejo natural e ardente das cousas santas, a politica da igreja catholica n'estas epochas pôde servir de modelo ás sociedades humanas, e aos principes, para o conseguimento das grandes cousas. Para derribar o colosso da escravidão desconceituou a opinião dos sabios a tal respeito, e deu assim logar a que as leis que lhe eram relativas, cahissem em desuso por falta de sanção moral.

N'esta lucta foi sempre a protectora constante e arrojada dos fracos e opprimidos. Recebeu os dons dos ricos e poderosos para resgate dos escravos e captivos. Onde ouviu um gemido correu a recebê-lo. Muitas vezes enchugou as lagrimas dos infelizes remindo-os com os seus proprios cabedões, e a todos elevou a alma. Sustentando na desgraça a coragem d'aquelles para cujos males já não havia remedio n'este mundo, foi sempre e por toda a parte desempenhando a sua missão de fé, amor, e caridade.<sup>2</sup>

Um outro serviço, prestado pela igreja catholica á civilização, e que segundo nos parece é ainda de maior consequencia do que o da abolição completa da escravatura foi, a emancipação da mulher. Esta na antiguidade, como ainda hoje no Oriente, era tão só destinada a ser instrumento cego dos prazeres sensuaes do homem. Submissa e humilhada como o mais infimo dos escravos, sem educação alguma e sem aspirações á santidade do lar, a sua vida era grosseira e decorria esquecida e ignorada no fundo do *gynaeceio*. No meio do labutar da civilização moderna, em que a sociedade recebe a amabilidade do tracto e a elevação dos sentimentos da mulher, é difficil conceber qual seria o estado d'aquelles povos, em que ella occupa um logar tão inferior: mas por isso mesmo que é tratada com tal desprezo, com segurança se pôde afirmar que a elevação moral do homem não lhe é muito superior.

A igreja catholica com a sua moral austera, e a protecção forte que deu ao sentimento do pudor, edificando conventos de religiosas, purificou os costumes e deu uma nova majestade á mulher, cuja dignidade é incompativel com a corrupção; ensinando que a mulher é igual ao homem, sua companheira por toda a vida,<sup>3</sup> e cercanda-a de respeitadas attentões elevou-a á grandeza de esposa e mãe. Dest'arte creou no seio da familia o centro unico onde prendem todos os sentimentos do prazer moral, de onde partem as mais nobres inspirações, e onde se criam os cidadãos uteis, bem como os poetas, os pensadores, e os heroes, que enchem o mundo de luz e de gloria. O desejo de aprimorar a educação dos filhos aperfeiçoou-se no coração das mães com os progressos do Christianismo, e a igreja não se descuidou em aproveitar e desenvolver esta tendencia para as cousas santas. Mostrou assim, profundo conhecimento da natureza humana, e da organização da sociedade, pois bem cedo a histo-

ria mostrou que a mulher havia de regenerar moralmente o mundo.

Conhece a mulher mais por instincto do que pelo raciocinio, que o unico asylo seguro que tem contra a desgraça n'esta vida é a sua crença na providencia e alta justiça do Eterno: por isso, vela continuamente pela sustentação da fe, e das crenças religiosas, já protegendo e honrando o culto, já ensinando-as aos seus. A emancipação portante da mulher redundou em bem dos filhos, e por consequente da sociedade inteira.

Meu caro philosopho, o campo por onde vou jornaneando é vasto; todavia sobre este assumpto não posso ir mais longe. Depois do illustre Michelet, penso que ninguem deve escrever acerca da mulher;<sup>4</sup> e tambem porque não quero partir o fio ás ideias, vou já apontar um outro grande serviço que a Igreja fez á civilização.

Foi ainda a igreja catholica, que nos transmitiu as letras e sciencias da antiguidade, conservadas nos conventos, e nol-as rescituiu muito melhoradas. Quando os barbaros invadiram o imperio romano, a sciencia da legislação fora esquecida por estes povos selvagens. Parece ter sido um castigo providencial este desprezo pelo maior monumento de gloria do povo rei, pois que os seus pro-consules, contra as ordens expressas de Roma nunca curaram de governar os povos conquistados pela legislação da capital, mas em proveito proprio expoliavam-nos á sombra dos estutos barbaros.

Os invasores eram muito ciosos d'aquella independencia e liberdade que os havia tornado fortes na conquista, e por isso eram inimigos natos de todo e qualquer systema de legislação. O sentimento pessoal era entre elles a unica norma para perseguir os culpados, e punir os crimes. Esta fonte constante de desordem foi ainda muito exaggerada quando os particulares de todas as classes assumiram o direito de acompanharem nas suas contendas os vassallos, não lhes permitindo uma outra legalidade (*ghild*). Debaixo de taes impressões foram ditados varios regulamentos, que constituem uma parte da jurisprudencia dos barbaros. Carlos Magno vendo que não tinha força para fazer cessar tão grande desordem, recorreu á Igreja; e esta interveio intimando a todas as classes da sociedade, em nome de Deus, a respeitarem os laços sagrados, que os uniam como christãos.

Esta invocação da igreja não foi inutil, porque a forma do processo para os combates judiciais foi abolida, mas a ignorancia geral substituiu-lhe outra não menos perniciosa por ser verbal e testemunhal. Os depoimentos falsos alimentaram a desordem, e sobretudo soffria com elles a moral publica.<sup>5</sup>

D'aqui resultou a appellação para o tribunal de Deus, e os combates pessoas ou por delegados. As provas pelo fogo, pela agua, etc. . . foram elevadas á cathogoria de sentenças infalliveis e pronunciadas pelo Todo-Poderoso.

N'esta epocha a auctoridade do rei principiava a ser respeitada pelos barões, e o povo pôde então recorrer dos tribunaes d'estes para o d'aquelles.

A igreja instituiu igualmente o seu direito particular, Direito Canonico — que não tardou a ser adoptado em suas formulas, e por isso a ser de grande vantagem para o direito civil.

Os decretos do Direito Canonico, eram conformes aos grandes principios da equidade, e além d'isso estabeleciam uma gradação regular de diferentes tribunaes, aos quaes uma causa qualquer podia ser submettida successivamente por appellação. E' isto o que nos afirma Robertson na sua introdução á historia de Carlos V. «As poucas luzes, diz o illustre historiador, que serviam para guiar os homens n'estes seculos de trevas, estavam depositadas nos ecclesiasticos: eram elles, os unicos que possuíam os restos da antiga jurisprudencia. . . Formaram um corpo de leis conforme aos principios da equidade. Muitos dos regulamentos, que ain lá hoje se olham como garantias da segurança pessoal, foram tirados dos regulamentos e da pratica dos tribunaes ecclesiasticos.» E com verdade essa jurisdicção foi de tal modo recta nas suas decisões, e favoreceu as justicas reaes de maneira, que o povo sentiu a necessidade de abandonar as justicas militares dos barões.

D'est'arte teve origem a união do throno com o altar, que, se foi proveitosa em bem da huma-

nidade, é certo que algumas sombras empacaram as tradições gloriosas da Igreja.

Conde de Va enças.



## AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA  
NO RIO DE JANEIRO

Acabado ha pouco de construir o magestoso templo, que a nossa gravura representa, pertence á irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, no Brazil a qual não só mantem o culto n'esta bella igreja, mas ainda administra outras repartições annexas como o coro, caridade e Hospital dos Lazaros, cuja vista geral tambem apresentamos, estabelecimentos estes de grande importancia. A sua historia, publicada recentemente, está muito bem escripta pelo sr. F. B. Marques Pinheiro, a cuja bondade devemos a captivante offerta de tão interessante e erudito trabalho, o qual forma dois magnificos volumes, de cerca de trezentas paginas cada um, nitidamente impressos no Rio de Janeiro.

Em tal obra, pois, encontram-se os mais valiosos elementos da historia d'esses antigos estabelecimentos pios, e pena é que a falta de espaço nos não permita transcrever na integra alguns capitulos do notavel trabalho do sr. F. B. Marques Pinheiro.

Temos que nos limitar a offerecer aos leitores umas rapidas indicações, apenas, mas que decerto lhes mostrarão bem a importancia d'esta irmandade. Todavia, basta a grandeza do edificio, agora construido, para evidenciar perfeitamente a actividade e o esforço de tão benemerita corporação.

Segundo o que escreve o sr. Marques Pinheiro, não é conhecida a epocha da constituição da Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro. Comtudo já em 1711, quando Duguay Trouyn invadiu aquella cidade e a saqueou, sabe-se que tambem roubou da igreja de Nossa Senhora da Candelaria os vasos sagrados, paramentos e outros objectos preciosos, que foram destruidos. D'ahi, o não existirem no respectivo archivo documentos alguns de tal antiguidade que pudessem esclarecer este ponto assás importante.

Tem se averiguado que a primitiva igreja fora edificada nos terrenos hoje occupados pelos prédios n.º 21 e 23 da rua de S. Pedro, na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria.

A igreja actual está construida nos terrenos em que Antonio Martins de Palma e sua mulher Leonor Gonçalves construíram o templo por elles depois doado á Santa Casa da Misericordia do mesmo logar, por escriptura de 4 de julho de 1639, na qual se liam os seguintes periodos muito elucidativos:

«Item: que elle entre os mais bens que tinha e possuia era uma igreja na varzea d'esta cidade, que chamam Nossa Senhora da Candelaria, a qual havia feito em chãos seus e á sua custa, da qual igreja, fabrica e chãos e pertences d'ella fazia» e «ambos juntos davam, e doavam e largavam a dicta igreja como dicto é á dicta Santa Casa da Misericordia e renunciavam n'ella todo o poder e dominio que na dicta igreja tinham, para que usem d'ella como cousa sua que é desde este dia, por virtude d'esta dicta doação, renunciação e traspasso de hoje para todo o sempre.»

N'esta escriptura reservaram para si os benemeritos doadores simplesmente a condição de *a capella-mór lhes servir de enterro para elles e todos os seus descendentes*.

Segundo afirma o sr. Marques Pinheiro, não se sabe hoje onde está esse moimento, taes foram as contingencias que o templo soffreu.

Na tradição popular dá-se como origem da invocação da igreja da Candelaria, o ter sido edificada no sitio em que dera á praia uma nau de nome Candelaria.

O que se pode dizer, com provas, é que Antonio Martins de Palma e sua mulher, Leonor Gonçalves, foram, como mostrámos, os fundadores da primitiva igreja, sob a invocação de Nossa Se-

<sup>1</sup> Hoje em face da Economia Política, ninguém ousaria combater a usura. Todavia, até aos fins do seculo XV a falta de concorrência, era porta aberta para grandes abusos. Henrique V da Grã-Bretanha, levado pela necessidade da guerra contra a França empunhou a sua coroa por 20.000 marcos, e suas joias por 10.000, aos *bons burguezes* de Londres.

<sup>2</sup> Na mesma epocha Carlos VIII pagava 42 por cento ao banco de Genova. Quando isto assim succedia aos principes, ninguém se deve admirar que os pobres soffressem e muito pela carosidade ou monopolio do capital dinheiro.

<sup>3</sup> A reacção portante contra a usura, que influiu a fundação dos Montes-de-Piedade na Italia, foi grande beneficio em favor dos povos.

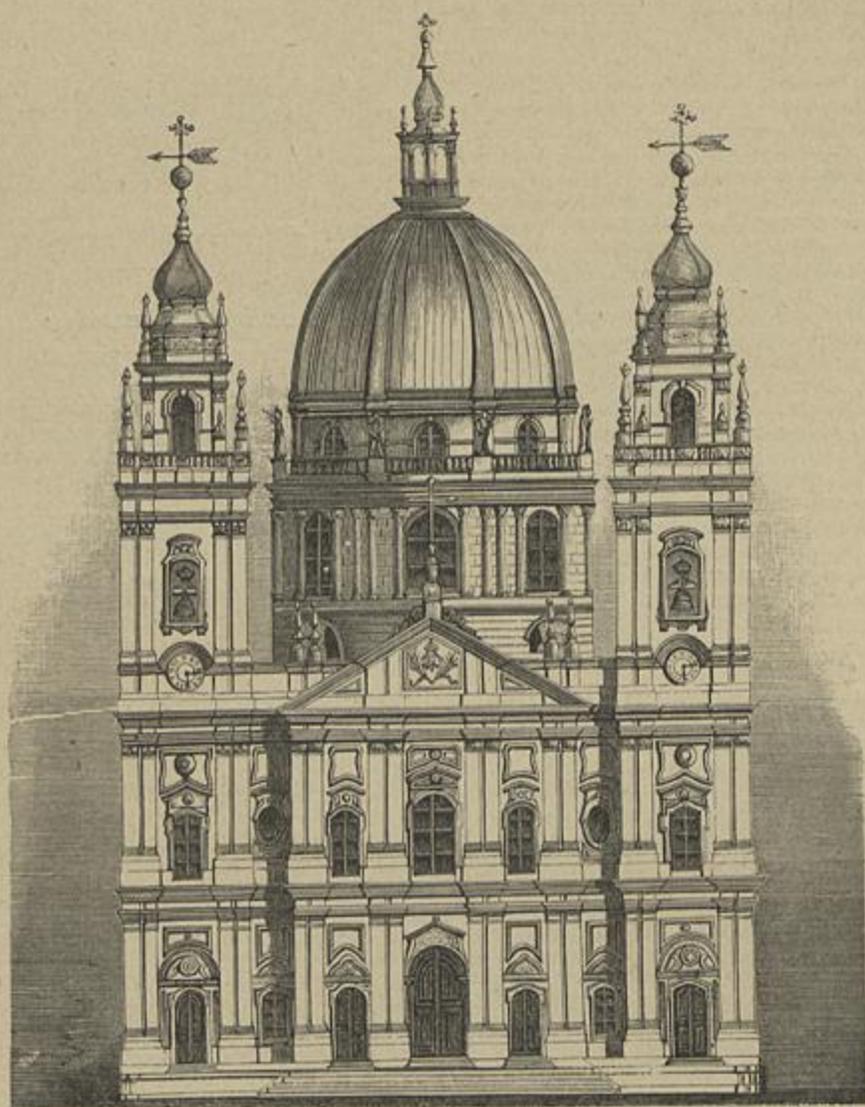
<sup>4</sup> Vide *Fabiola* ou a Igreja das Catacumbas pelo Cardeal Wiseman.

<sup>5</sup> Entre todos os povos da antiguidade predominava em materia de casamentos o principio monogamo; a polygamia sem ser prohibida por lei, não estava em uso; todavia os divorcios repellidos frequentes vezes. A tão grande male obvio o christião, não se frequentes vezes. A tão grande male obvio o christião, não se frequentes vezes. A tão grande male obvio o christião, não se frequentes vezes.

<sup>4</sup> Vide *Les Mères Illustres e Les Epouses Illustres* de M. de Lescur.

<sup>5</sup> Vide, Boncenne, *Theoria do Processo Civil*. Introdução cap. IX.

V. 31 e 32; de S. Marcos, X, 2-12; de S. Lucas XV, 2-10.



EGREJA DA CANDELARIA. — NO RIO DE JANEIRO

nhora da Candelaria, em cumprimento de um voto que fizeram, quando regressavam da Índia para a ilha de Palma, sua terra natal, sendo acossados por um forte temporal se julgaram perdidos.

Segundo Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano*, tomo X, o navio commandado pelo proprio Palma, como seu capitão, encontrára, depois de muito batido pelos mares, um seguro porto de abrigo na bahia do Rio de Janeiro.

Os dois esposos cumpriram logo a sua promessa. Tempo depois a igreja da Varzea, como lhe chamaram os seus fundadores, era elevada a parochial, ficando assim no seculo xvii havendo n'aquella cidade duas freguezias.

Palma e sua mulher desgostaram-se com essa determinação do superior ecclesiastico e fizeram doação da igreja á Misericordia como dissémos.

Reedificações posteriores deram ao primitivo templo uma tal grandeza que chegou a ser lembrado para servir de Sé.

A data da fundação da Irmandade, que desde tantos annos tem zelosamente cuidado d'aquella igreja, é desconhecida; mas, deve remontar a 1634, data esta assignada tambem para a creação da nova parochia.

O Compromisso porque a irmandade se rege tem os seus antecedentes no primitivo, que foi feito em 1699, reformado mais tarde e revali-

lidado por D. José I, em 15 de Novembro de 1766, seguido ainda hoje pela a irmandade, especialmente na parte espiritoal. Os actuaes estatutos foram approvados n'uma sessão de 20 de setembro de 1862, tendo se em varias epocas anteriores tentado já essa reforma.

Da nova igreja, que tão bello edificio se nos apresenta, desde 1775 que se pensou na sua fabrica, tendo havido, em 1710, uma importante reedificação. No dia 3 de Junho de 1755 propoz o venerando provedor D. José Joaquim a construção de «nova, mais bella e maior igreja.»

Acceite esta proposta, lançou-se a primeira pedra em 6 de junho do mesmo anno, escolhendo-se esse dia por ser o do anniversario de D. José I.

Occorre nos lembrar que em Lisboa tambem n'este mesmo dia se inaugurou a estatua equestre, havendo a grande festa do trabalho nacional que tanto esmaltou aquelle reinado.

Na primeira pedra metteram-se moedas de todas as especies que então corriam. E, em 1885, foi ella encontrada no consistorio, e vê-se que é de marmore de Lisboa, tendo a respectiva inscripção em letras douradas. Lembra o sr. Marques Pinheiro que a razão da pedra não estar no logar proprio, se deve explicar por se ter guardado; depois da cerimonia, para a metter definitivamente nos alicerces. Iniciou-se a obra e a pedra continuou guardada.

A traça do templo foi delineada pelo sargentomór Francisco João Rocio, engenheiro portuguez; infelizmente tal planta perdeu-se.

Esse projecto, do engenheiro Rocio, foi mutilado e modificado ficando, todavia, ainda o templo muito mais magestoso.

É a igreja, quando vista em planta, uma perfeita cruz latina, servindo de haste a nave central; de apice a capella-mór, e de braços as capellas fundas do Santissimo Sacramento a e de Nossa Senhora, das Dôres.

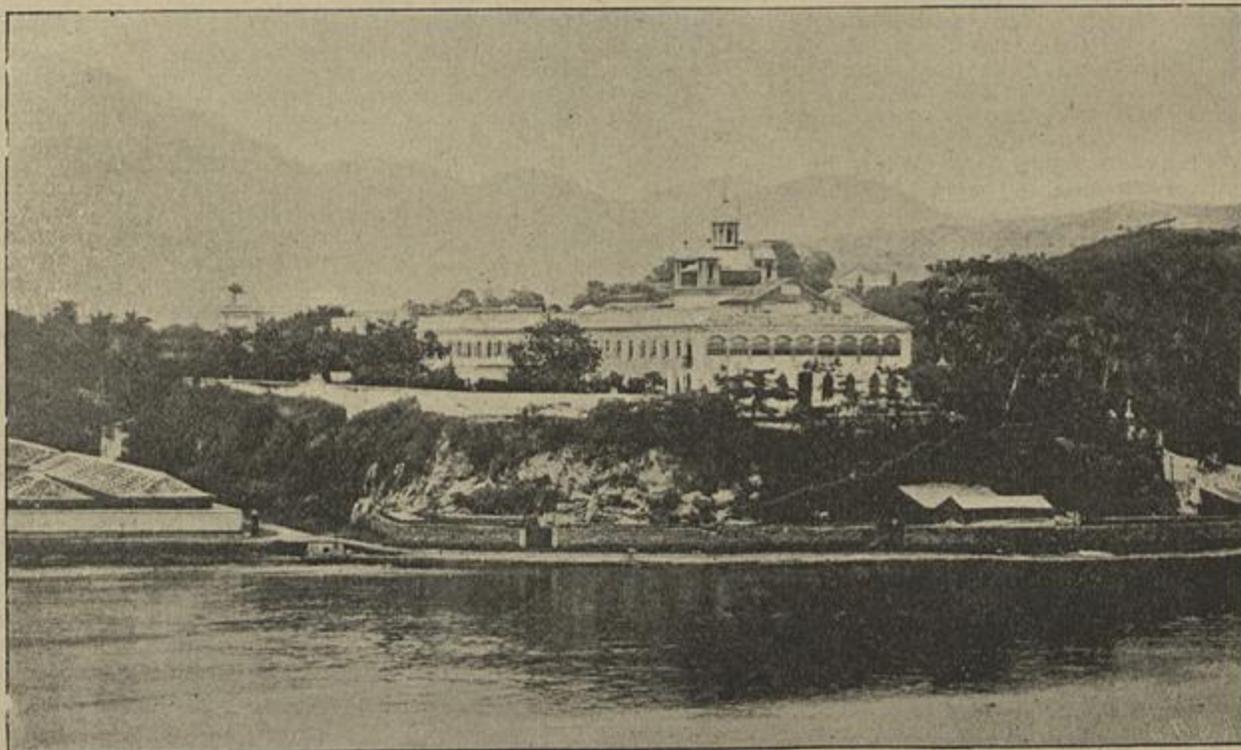
No principio d'este seculo desviaram-se as obras do risco do engenheiro Rocio, e em 1804, o mestre Marcellino Rodrigues de Araujo seguiu outro.

Depois de varias obras inaugurou-se a igreja em 1811, tratando-se em 1866 da construção do zimbório. D'esse anno até hoje proseguiram os trabalhos estando actualmente o edificio completo, como se vê na estampa.

A outra gravura representa a vista geral do piedoso estabelecimento Hospital dos Lazaros, tambem administrado pela prestimosa irmandade do Santissimo.

Quanto á historia da fundação d'este hospital, no seu livro o sr. Marques Pinheiro, depois de esboçar a historia da lepra no Brazil, mostra que a iniciativa de tão util instituição pertenceu á camara municipal d'aquella cidade.

Foi em 1637 por occasião de um grande desenvolvimento da terrivel doença que o senado tomou a resolução de isolar os doentes n'um hospital, e dirigindo-se a D. Pedro II, pediu lhe *um logar particular e separado para cura dos Lazaros*. Em res-



HOSPITAL DOS LAZAROS

## CASA PORTUGUEZA

ram com aquelles passaritos, que saltavam na arvore ainda em flôr, á beira do caminho, e apesar das especies serem diversas, não ha entre ellas antagonismos de raça que provoquem a lucta. Entre as mansas ovelhas e as innocentes avessinhas existe a mais perfeita paz. O pasto de umas não é o das outras e por isso não tem as mesmas ambições, razão, sem duvida, da santa paz que reina entre ellas.

## JOÃO VOLDERS

Morreu o grande socialista da Belgica, João Volders, que era uma das individualidades mais salientes do partido operario do seu paiz.

Fundador gerente da cooperativa *Maison du Peuple*, demonstrou praticamente as vantagens da cooperativa operaria em grande escala.

O povo de Bruxellas acclamou-o chefe do partido operario, no meio da grande agitação grevista de 1893, que reclamava o sufragio universal.

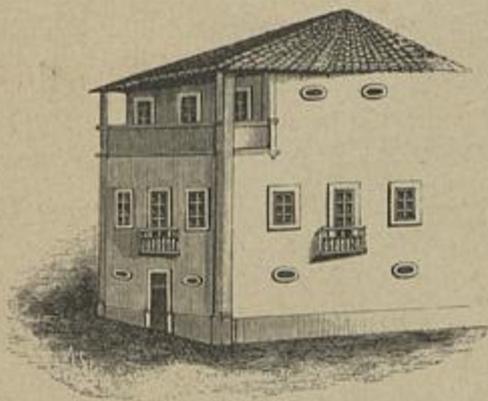
João Volders, foi o principal agitador d'essa idéa e, quer na praça publica, quer na imprensa, como redactor principal do *Peuple* fez decidida propaganda em favor do sufragio universal.

Volders era ainda novo, mas cahiu exausto na

de construcção d'algumas casas d'habitação urbanas e ruraes, etc. Foi esta varia applicação do espirito, durante os occios d'aquelles quatro mezes, que o sr. director d'esta folha conceituou no 1.º n.º do «Occidente» do corrente anno (95), a proposito do Grão Vasco, dizendo: «Raras serão as horas vagas tão bem utilizadas».

Valha-nos ao menos, como estimulo, as palavras d'algum raro apreciador.

Se a referida nota, integral, deixa por deficiente confusão de traços no entendimento do leitor, conforme suspeitamos, o extracto d'ella reimpresso no 1.º n.º da «Arte Portuguesa», acompanha-



ESTAMPA N.º 1

posta, pela carta regia de 20 de outubro de 1698, o governo inquiriu quaes as rendas de que a camara dispunha para a sustentação d'esse hospital, as quaes em verdade nada eram. Interveiu a caridade publica e a camara continuou solicitando. Os lazarus foram todavia protegidos graças á dedicação do benemerito governador Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, o qual mandou construir umas pequenas casas no sopé da collina, aonde hoje se vê o hospital. Ahi mandou o nobre conde recolher os leprosos tratando-os a expensas suas até que em 1763, pela morte do magnanimo protector, ficaram os infelizes lazarus sem recursos.

Só mais tarde a prestimosa irmandade do Santissimo, a pedido de D. Frei Antonio do Desterro, organizou os seus serviços de amparo e protecção aos leprosos.

Aproveitou-se um hospicio fundado, mas não concluido, pelos jesuitas, no bairro de S. Christovão.

Do estado actual, como das vicissitudes, porque tão util estabelecimento de caridade tem passado,



ESTAMPA N.º 2

encontra-se na, obra já citada, a mais interessante descripção.

É pois, como se pode imaginar, deveras curiosa a historia d'estes estabelecimentos pios e religiosos; e, a obra do sr. Marques Pinheiro apresenta-se muito interessante, copiosa de noticias, merecendo o mais rasgado elogio.

## BONS AMIGOS

A gravura que publicamos com o titulo acima, é copia de um delicioso desenho de Giacomelli, o notavel especialista italiano, desenhador de animaes e muito principalmente de aves.

São numerosas as suas composições n'este genero, que as revistas d'arte e illustrações de toda a parte têm reproduzido em suas paginas.

Os *Bons Amigos* é uma d'essas graciosas composições, tão simples e encantadora, que não carece de descripção para se fazer entender.

Na sua singeleza diz tudo. As ovelhas depara-



ESTAMPA N.º 3

grande lucta, por uma idéa; entretanto o seu trabalho não foi perdido, porque a cooperativa do modo como elle a estabeleceu, foi um grande passo dado no caminho dos melhoramentos sociais.

## CASA PORTUGUEZA

II 1

(Destinado á «Arte Portuguesa» em fevereiro de 1895)

Relendo agora a primeira nota das que acompanham a monografia. — *A Cava de Viriato* — que publicamos ha dois annos, nota cuja substancia forneceu ao sr. director da «Arte Portuguesa» o assumpto que no 1.º n.º se lê sob o mesmo titulo d'este artigo, parece-nos não se ver alli bem nitida a nossa idéa. Nem admira.

Nos quatro mezes (tantos são os d'uma judicatura nos conselhos de guerra) que pela primeira vez, e tambem pela ultima, nos encontramos em Vizeu, no coração da Beira-alta, era frequente ser-mos surpreendidos por impressões novas, ora da natureza ora da arte, que se succediam, quando não se atropelavam prejudicando-se mutuamente na sua elaboração e conclusões. Sob a acção do meio que nos envolvia, o que então sentimos em conjuncto foi o accordar d'uma forte paixão de portuguezismo, fenomeno cuja razão de ser, descobrimos no nosso sangue, na hereditariedade. Assim, ao passo que estudavamos a «Cava» quer no que d'ella resta, quer nos cartapacios manuscritos e impressos, recolhiamos a tradição oral do Grão-Vasco, tomavamos notas e garatujavamos desenhos em que se fixava a forma estranha

<sup>1</sup> Este é o artigo a que se referem as primeiras palavras do artigo antecedente.



ESTAMPA N.º 4

do de dois desenhos que mal se ajustam ao descriptivo, não ganhou em clareza. Expliquemos pois o nosso pensamento.

Na referida nota não se pensou em dar a solução d'um problema, pretendeu-se apenas pôr um problema d'arte nacional perante a critica. Alli nada se afirma; o seu character interrogativo bem o demonstra.

Se alguma cousa ella vale é pelo que tem de suggestivo.

Acentuemos isto, pois que bem reconhecemos que o assumpto requer estudo comparativo, como querem os entendidos e adiante se verá; e para que se não julgue que o portuguezismo nos allucinou então.

Ha um tipo de casa de habitação, mais ou menos nacional? portuguez?

Eis a questão.

Casas no estilo de construcção das varias epochas passadas, quer isoladas no seu tipo, quer



ESTAMPA N.º 6

em grupo com outras similares, encontram-se em todas as nossas provincias e ilhas. O tipo de casa, porém, que mais detidamente tentámos definir, provocou-nos a attenção e despertou-nos a curiosidade, não somente por uma sensata adaptação ao clima da região, mas tambem por ser na sua originalidade o tipo mais vulgarizado e persistente da casa de um ou mais andares, da casa

que já tem certo ar de bem estar, nas aldeias pobres e logarejos reconditos em volta de Vizeu.

A proposito de climas, diremos de passagens áquelles dos nossos leitores que se afastam de Lisboa apenas em breves digressões, que, ao revés do que alguns conjecturam, nas nossas provincias do norte ha localidades que por circumstancias orograficas, topograficas, geologicas, etc. tão castigadas são das asperas invernias, quanto são torradas no estio. De Bragança, por ex.<sup>o</sup>, diz-se, que sofre «*nove mezes d'inverno e tres d'inferno.*» A cidade da Guarda, sente tambem os rigores extremos das estações. Portanto é muito apropriado a tal clima, ora de nevões, ora de ardenscias, o tipo de casa a que nos referimos no começo da nota: balcão no ultimo pavimento e telhado bem avançado (Estampa 1.<sup>a</sup>).

Uma melhor hygiene e bom gosto adquiridos em geral entre nós nos ultimos annos, tem-se affirmado do Mondego para o norte, impondo aos constructores e mestres d'obras, nas cidades e villas, o restabelecimento d'aquelle tipo tão comodo e tão apreciado ainda hoje pelo transmontano. No Porto e em Coimbra (cidade baixa) observa-se já bastantes casas, umas novas outras reedificadas, terminando a fachada em balcão: alguns d'estes são fragrantés e ensombrados jardinsinhos de verão, tão enflorados os mantem as damas da familia, especialmente se não ha jardim terreo, que é o trivial nas cidades. (Estampa n.<sup>o</sup> 2) Certos proprietarios envidraçam d'inverno os balcões.

Agora digam-nos se isto não é preferivel á mansarda ou á platibanda?

Mas, perguntamos tambem, tal qual o fizemos na nota: Será esta variante (a do balcão) bastante a determinar um tipo de casa?

Não nos parece.

\* \*

Já não é a mesma a nossa resposta pelo que diz respeito ao tipo que denominamos da Beira alta, e que na nota nos mereceu referencia mais circumstanciada. A duvida aqui deixa-nos hesitante, não porque a nossa ignorancia não seja ainda a mesma, mas porque o problema apresenta-se mais complexo.

Seja o lapis que fale por nós. Tratando-se d'artes plasticas, como é a architectura, mais claramente se exprime o desenho do que a prosa. São as casas de varandas reintrantes, que solicitam agora a nossa attenção. Portanto, aquelles dos nossos leitores a quem o assumpto interesse, queiram confrontar o que escrevemos no artigo primitivo com os respectivos desenhos d'hoje.

E nada mais se faz mister de nossa lavra no descriptivo.

As estampas n.<sup>o</sup> 3 e 4 representam duas casas suburbanas de Vizeu desenhadas segundo os nossos apontamentos; a n.<sup>o</sup> 5 uma de Santa Comba Dão, copiada da que se vê n'uma das estampas que o «*Seculo*» publicou no domingo em que descreveu aquella antiga villa do districto de Vizeu; na 6.<sup>a</sup> recompõe-se uma casa urbana do mesmo tipo, aproveitando se os elementos dispersos e restantes que a Beira ainda nos oferece n'algumas antigas casas senhoriaes, pela maior parte modificadas nas reconstrucções.<sup>1</sup>

\* \*

Em Lisboa notâmos uma casinhota modesta, modestissima, cuja fachada obedece a este tipo, nos 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> andares, tipo de *varandas reintrantes*, chamemos-lhe assim. E' no Largo de S. Miguel d'Alfama, portas n.<sup>o</sup> 23 e 25. O tipo antigo, porém, que por alli se encontra mais frequente, (e não menos na Mouraria) é o oposto áquelle, é o arabe, o de *varandas salientes* em fachada já de si tambem saliente a partir pouco acima da verga da porta, emsombando assim a entrada das lojas e parte da rua, o que é delicioso no verão. Curiosissimo, tudo isto!

Tambem perto de Lisboa, adiante de Carnide, n'um cabeço, existe uma antiga casa, ampla e vistosa, com capella, que foi centro de lavoura e abastança nos dois ultimos seculos.

Não obstante estar muito damnificada pelo tempo e pelo abandono, lá se vê ainda completo, no alto da face virada ao sul (e portanto abrigado dos ventos do quadrante norte) um esparecido balcão dos do tipo da estampa n.<sup>o</sup> 2.

Que bella ideia! E que regaladas horas do estio não terão sido gosadas alli!

Este casal, *Casal do Falcão*, foi testemunha, no seculo passado, d'uma interessante historia d'amores, da paixão ardentissima d'um plebeu, mais tarde pintor illustre, por uma fidalga de linhagem, a filha do... castellão. O galan foi o Vieira Lusitano.

Esta narrativa interessantissima em que os dois são d'uma dedicação mutua levada aos extremos, e que se não fosse historica tomar-se-hia por um romance, está traçada por completo em alguns n.<sup>o</sup> do *Instituto* (de Coimbra) por outro artista, tão poeta d'alma quanto gentil homem de caracter, o sr. Julio de Castilho, Visconde.

É de sentir, que esta narrativa, em que a verdade documentada, poz alguns dos lances romancescos usados pelos novellistas, taes como a reclusão forçada em convento, o rapto, a espera a tiro, e outros, não esteja, por falta d'editor, já reunida em volume proprio, pois que esse livro seria, a par da vida affectiva d'um grande artista nosso, um flagrante e caracteristico quadro do viver portuguez no seculo XVIII.

\* \*

Vamos terminar com o parecer de dois criticos d'arte de reconhecida e indiscutivel competencia affirmada em palayras e obras, residentes ao norte do Mondego e por nós consultados ha dois annos. São trechos de cartas que particularmente nos foram dirigidas, mas que nada tem de reservado.

Antes porém de o fazermos, e tambem a titulo d'opinião, diremos n'esta altura, que um italiano dos que estão no nosso paiz ensinando desenho nas escolas industriaes, pela descripção que lhe fizemos da *casa da Beira*, em conversação, nos observou, ser estilo da Renascença italiana.

A nossa ignorancia não nos consentiu contestação á afirmativa do professor; mas o que não impediu foi que ficassemos ruminando o seguinte: — pois os estilos architectonicos, que se succedem evolutivamente em ciclos, tambem alcançam os logares sertanejos que demoram nos desvios dos montes, e aonde deparamos ainda hoje com o operario rude de serralheria, d'olaria, de mobiliario caseiro, etc., repetindo inconscientemente os modellos de 5, 8, 10 e mais seculos, na tradição regional?

Não obstante, note-se, não negamos a opinião d'aquelle artista, descontada mesmo a influencia uniformisadora que tem a educação d'academia na autonomia do senso critico. Nós é que não somos artista nem critico, mas simplesmente um transeunte que toma notas.

Seguem-se os dois pareceres.

1.<sup>o</sup>

.....  
«Acerca da nota, sobre a qual V. me obsequiou com o desejo do meu parecer, reconheço que obedece a uma observação muito sensata; mas seria necessario reunir quantidade maior de factos e documentos, não só nacionaes como hespanhoes. Porque é forçoso assentarmos definitivamente, que as nossas pretensões a uma sonhada autonomia artistica devem passar ao dominio das vanglorias patrioticas. Este facto é hoje reconhecido e indiscutivel, mesmo entre os archeologos hespanhoes.

«Julgo mais que, para colleccionação de elementos d'estudo d'esta ordem só a photographia ou mão de desenhador habil poderá dar contribuição aproveitavel.»

«São muito para louvar as delicadas e apreciaveis qualidades de comprehensão e lucidez por v. manifestadas n'esta parte do seu estudo. Etc.

2.<sup>o</sup>

.....  
«A's perguntas que V. me dirige sobre as construcções urbanas em Portugal, não é facil responder em poucas linhas. O pormenor que V. indica na sua nota é um elemento; ha outros que se referem á disposição da escada interior e exterior, do pateo da entrada, da abobada, quando é de tijolo (no Alemtejo: as *abobadilhas*), dos telhados, etc. Seria necessario reunir um grande numero de desenhos, que deveriam ser tirados segundo copiosas notas que enchem dezenas de cadernos meus, afim de documentar o que allego, porque, além da novidade que pode haver nos elementos constructivos da habitação urbana portugueza, ha pormenores muito curiosos na parte decorativa interna e exterior, e outros que participam de am-

bos os caracteres, porque pertencem á construcção e ornamentação do edificio.

«Pelos desenhos que possuo e que são numerosos, poderia contribuir já com materiaes valiosos para a resolução d'um problema que de annos a annos se vai tornando mais difficil, pois nas provincias estão destruindo a valer as mais curiosas antiguidades, ha uns quinze annos principalmente, a titulo de... melhoramentos materiaes!»

\* \*

O problema ahí fica posto.

Se pelo concurso dos entendidos no estudo d'elle se alcançasse uma solução affirmativa, tal resultado não seria sómente um caracteristico mais a definir a nossa poderosa individualidade nos tempos idos; serviria tambem praticamente na actualidade a restituir á nossa architectura urbana, especialmente das Beiras inclusivé para o norte, (o paiz do tamanco) o tipo tradicional creado pela observação e engenho dos nossos antepassados, que em tudo valiam mais do que nós.

Henrique das Neves.

P. S. Lemos hoje:  
«Não está feita nem estudada a historia... da nossa habitação...»  
O culto da Arte em Portugal — pag. 95 — R. Ortigão.

11 Maio 96.

N.

## PORTUGAL EM 1760

*Cartas Familiares*  
de José Barretti, traduzidas do italiano

VIII

Lisboa, 6 de setembro de 1760.

O rei de Portugal está fazendo um edificio na margem do Tejo, mesmo defronte d'aquelle seu palacio, que era tão solido, e que não obstante foi destruido e brutalmente arruinado pelo terremoto. Este edificio, quando estiver acabado, ha de servir para arsenal. Imaginae que grande casa não será! Capaz de alojar

*Numidas, Garçantes, Lybia e o mundo*<sup>1</sup>.

Se muitas das suas casas fossem convertidas em salas de baile, todos os gigantes sonhados por Don Quichote poderiam em qualquer d'ellas dançar uma contradança com todas as fadas convocadas por Demogorgone; e quando a cavallaria andante voltar a ser moda, poder-se-hão fazer muito bellas justas ou um magnifico torneio em uma das suas salas terreas, agora destinada para a construcção dos maiores navios de alto bordo. Umas são destinadas para fazer cabos, outras para as vélas, outras para as cavernas, outras para os mastros e para as antenas suas irmãs, aquellas para o pez e o breu com que se lava o rosto a toda a especie de barcos; em summa, aqui se encontrarão compartimentos diversos para toda a casta de utensilios maritimos. Dizem os nacionaes que a este edificio só faltará o dinheiro para se acabar; e os inglezes accrescentam que, acabado ou por acabar, será sempre para aluguel, porque, se se juntassem dois ou tres dos principaes arsenaes da Gran-Bretanha, mal chegariam para fazer uma mole tão vasta como esta será. Digam elles o que quizerem, é fabrica para cançar as melhores pernas que se metterem a percorrel-a toda. Andei por lá no sequito de milord Kinnoul, embaixador extraordinario de Inglaterra n'esta corte. Estava com s. ex.<sup>a</sup> uma elegantissima dama sua cunhada, que foi tratada por aquella gente do arsenal, á medida que ia passando por ella, como os nossos camponezes veneram Nossa Senhora, isto é, com uma pequena mas devota genuflexão. E' cousa singular ver como os portuguezes honram em publico as mulheres que lhe não pertencem, mas pelo que me tem dito, quando as miserias caem em seu poder pelo Hymeneu, os malvados tratam-nas geralmente muito mal por ciumes; e a respeito dos seus ciumes tenho ouvido historias que fazem tremer. Para se desculpar do mau tratamento que aqui dão ás mulheres, o portuguez diz que estas lh'a prégam sempre que podem. Ao que eu respondo que em todos os paizes o sexo feminino é muito

<sup>1</sup> A estampa n.<sup>o</sup> 5, ficou adlada para um dos proximos numeros, porque não se comprehende bem o desenho da base da casa. Mandou-se pedir novo cliché.

pudivundo por natureza, e muito melhor e mais temente a Deus do que o nosso, quando este o não seduz e contamina; donde se segue que, de todos os modos, se muitas mulheres não guardam fielmente a fé conjugal, a culpa é dos homens; porque, se os paes as soubessem educar desde pequeninas, moral e christamente, lhes cultivassem a intelligencia, que nutrissem de noções e de idéas, e se n'ellas soubessem corrigir a tempo a natureza humana, corrompida desde a sua origem, com testemunhos evangelicos mui claramente explicados, e se com paternal e amorosa familiaridade fossem com cedo advertidas para terem sempre cuidado na sua honra, e instruidas nos varios artificios de iniquidade praticados pelos homens para as conquistar e perder; se estas e que taes precauções efficazes se adoptassem, as mulheres não estariam tão imbuidas, como o estão em Portugal, d'aquelles pensamentos que a carne sugere, e o seu entendimento se deleitaria muitas vezes n'outras cousas não impuras; mas aqui as miserias são educadas em completa ignorancia, e ainda não teem, pela maior parte, quinze annos quando se casam, com o coração naturalmente abraçado de amor e a intelligencia completamente desprovida d'aquellas razões mundanas que talvez mais do que as não mundanas teem força para conter nos devidos limites a concupiscencia das mulheres novas; pelo que não é de admirar se depois cedem ás tentações de fóra, auxiliadas e propellidas pela natural inclinação de dentro, principalmente adquirindo, como é forçoso que adquiram, um conhecimento perfeito da curteza e dos mesquinhos dotes mentaes dos maridos que provocam o desprezo d'ellas, quer queiram quer não. Sei tambem que mulheres em tal situação carecem de grades e ferrolhos para salvar-se das desgraças de Acteon, e sei que se corre muito perigo em dar-lhes alguma liberdade. Na Inglaterra, porém, onde as mulheres são educadas com muito cuidado e com muito juizo, pela maior parte, são anjos de carne; e, casadas ou núbis, não ha entre cem uma senhora, nem sequer uma capellista ou tendeira, que não seja rapariga e mulher digna e boa mãe; por onde se vê que pouco escrupulo tem os paes e os maridos em lhes dar mutissima liberdade, sem temor de que se deshonrem a si e á familia. Bem sei que na Inglaterra, e especialmente em Londres, ha mulheres perdidas; mas, se contarmos todas as mulheres d'aquelle reino o numero das más não é nada em comparação do numero das boas. Encontrando-me alli em assemblea de homens e de mulheres de quem tinha bastante conhecimento, costumava eu medir espiritualmente a virtude das mulheres, bem como o seu senso commum, e não menos ainda a sua illustração, e tinha sempre razões para concluir que ellas, tanto por virtude como por bom senso, e não raro tambem pelo saber, venciam uma a uma todos os homens d'aquella reunião um por um. Em geral na Inglaterra tomam uma mulher fina, ponde-a, por assim dizer entre doze cavalheiros, e compara-a com cada um d'elles; pois eu quero perder o melhor dente que tenho na bocca se não concluirdes que ella é um ente melhor, por bondade, bom sizo e copia de noções do que dez da duzia masculina, e os outros dois não terão pouco que fazer para supportar a comparação, quanto mais para lhe ficarem superiores. Faça todo o verdadeiro inglez esta reflexão sempre que se encontrar em companhia de homens e de mulheres, e verá que tenho razão de sobejo. E, quanto aos estrangeiros que julgam dos inglezes com tanta facilidade nos cafés de Londres, e que condemnam as mulheres de toda a ilha por causa de umas certas mundanas que pela maxima parte os enganam, saiam por um momento d'esses cafés e procurem um pouco ser admittidos em casa de gente capaz e educada, ou dêem uma volta pelas provincias de Inglaterra, e verão então que differença ha entre as inglezas e as mulheres da sua terra em ponto de costumes. Mas o caracter dos maridos e das mulheres portuguezas me tirou do arsenal onde estava em companhia d'aquella dama gentil, do embaixador Kinnoul e de uma comitiva numerosa; e lá volto para dizer-vos que um dos seus lados é sustentado por um portico muito alto, muito largo e muito comprido, destinado a servir de bolsa aos negociantes, á qual, bem como a todo o edificio, um dia caberá bem este verso por dístico:

*Apparent rari nantes in gurgite vasto.*

Defronte estão os estaleiros, e muitas frotas formidaveis hão de ainda construir-se aqui: é um mundo de artifices de toda a especie, de trabalhadores e de escravos que está actualmente labutando por acabar aquelle edificio; por isso em

poucos annos, se não faltarem os cobres, quem fôr curioso de edificios grandes poderá vir ver (como diria um empolado e ribombante escriptor portuguez) *no imperio lusitano, compendio da douda Grecia, da potente Assyria ou do maravilhoso Egypto, uma estupenda mole superior ao famoso templo da casta Diana em Efeso, ao soberbo mausoleo da consternadissima Artemisa, ao celebrado palacio do magnifico Lucullo, ás thermas colossaes do improbo tyranno Domiciano e ás proprias marmoreas e sempiternas pyramides do extravagante e secundissimo Nilo, as quaes com o seu peso infinito esmagam as numerosas e gemedoras provincias que a custo as susteem e cujos cimos soberbos e agudos, penetrando as densas e aureas nuvens que cercam o throno diamantino da imperiosa Juno, parece que ameaçam um assalto destruidor ás constellações resplendentissimas.* Valet fratres

Alberto Telles.

## AL SOMMO PONTIFICE

LEONE XIII

Salve del Bene apostolo!  
Del Divin Cristo atleta!  
Guardia del sacro Vero!  
Tu che a gloriosa meta,  
Fra il turbinar d'un'orrida procella,  
Guidi con forte man la navicella  
Del pescatore Piero,  
Bene hai diritto al plauso, onde le genti  
D'ogni lingua e nazione  
Onorano il tuo nome  
In questi di solemni,  
Di gioia al tuo gran cor santa eagione.  
Vedi come s'affollauo i credenti  
Appiede del tuo trono!  
Vedi quanto il tuo dir li estasia, e come  
Agli augusti tuoi cenni,  
Di sé fatto abbandono,  
Curvano le pie fronti,  
E in un pensier d'amore  
A battaglia van pronti  
Le pugne del Signore!  
Non contempló da secoli  
Tanto osannare il mondo  
Di Piero all'alma Sede;  
Né mai fu così splendido  
Né mai così fecondo,  
O Sommo Sacerdote,  
Il trofeo della Fede!  
E é tua gloria, se dalle piú remote  
Plaghe ti vien l'omaggio  
Di chi alla Chiesa fé sin'ora oltraggio.

*Omaggio di Prospero Peragallo.*

(Em um album polyglota manuscrito para ser offercido ao Santo Padre)

## HYPOCRATES DE RABICHO

Entre as extravagancias sem conto que caracterisam esse povo tão singular que habita o Celeste Imperio, de todas a mais extranha e tambem para o europeu a mais fertil em surpresas é, sem duvida alguma, a medicina.

O notavel viajante alemão E. Semler que, em S. Francisco da California, teve occasião de observar de perto e no pleno exercicio das respectivas funcções clinicas um celebre medico chinês, assaz popular e estimado, n'aquella capital, transmite-nos, com respeito á medicina e aos medicos chinezes, a seguinte curiosa narração:

«Uma bella manhã, passeava eu ao acaso pelas ruas da cidade e fui ter ao bairro dos chins; entrei, por curiosidade, no consultorio d'um medico chinês mui reputado, onde tive a fortuna de encontrar um meu compatriota, que servia de interprete ao eximio doutor. E não pensem que o alemão era o unico estrangeiro, exercendo ali aquelle mister: o homem tinha por collegas um francez, um italiano e um hespanhol.

«O consultorio do facultativo amarello era, pois, uma pequena Babylonia? perguntará o leitor. E eu responder-lhe-hei que, quando lá entrei, foi exactamente essa a impressão que senti — impressão um tanto desagradavel, é certo, todavia interessante sob o ponto de vista do estudo de costumes. Ali, no centro da sua baiúca, rodeado pelos seus interpretes, campava o mestre chim Ua Uong, attendendo com impassivel gravidade a numerosissima clientela, capaz de fazer rebentar de inveja e ciúme ainda mesmo o mais procurado entre os seus collegas de raça branca.

Convem advertir que Ua Uong não é o unico facultativo chinês que exerce a sua arte na capital da California, e quem, com attenção, percorrer o bairro chinês, poderá encontrar ainda mais uma

duzia d'elles, pelo menos, — que outros muitos existem espalhados por toda a California.

Exercem todos, publicamente, isso a que não só elles mas ainda muita gente boa dá por lá o nome de Arte da Medecina, apesar de que as leis do paiz exigem a todo e qualquer facultativo, que pretenda exercer ali a sua profissão, o respectivo diploma universitario ou, na falta d'este, um exame perante uma commissão ou junta medica, para esse fim nomeada. A China, porém, não tem universidades nem escolas medicas, dignas de semelhantes titulos; apenas em Pekim, o célebre collegio imperial para medicos, que é, quando muito, uma especie de club do elogio mutuo e da reciproca complacencia, e cuja arbitragem só é invocada quando algum caso de incapacidade profissional, d'esses que bradam aos céus, vem victimar qualquer enfermo de elevada cathgoria.

As provas de capacidade exigidas aos facultativos chinezes pela tal junta californiana não passam de mera farça: os membros que a constituem sabem perfeitamente que, entre dez medicos chinezes, haverá quando muito um que tenha estudos ou competencia provada, (segundo o ponto de vista chinês, ainda assim) e que os proprios compatriotas chamam a estes curandeiros de exportação medicos de porcos.

Ua Uong, porém, é um medico «scientifico», quer dizer, esteve como aprendiz, durante alguns annos, em casa de um mestre chim, no intuito de se aperfeiçoar convenientemente na arte de curar. Os conhecimentos que adquiriu nos dominios da flora chinesa valeram-lhe a honra de ser admittido, na qualidade de facultativo assistente, em casa de um mandarim. Um dia, porém, teve a imprudencia de manifestar abertamente, na presença do seu protector e patrono, idéas de character avançado em quesões de medecina: não hesitou em perfiñar as opiniões dos medicos da nova escola chinesa, e em sustentar que existem, no corpo humano, arterias que correm de baixo para cima e veias que correm de cima para baixo; que o coração fica do lado esquerdo e o figado do direito; que os elementos frios e calidos do organismo de qualquer enfermo podem ser dominados sem o auxilio de melancias cosidas, que a deslocação de qualquer membro é susceptivel de cura, sem ser por meio da applicação da cataplasma de percevejos.

Tão audaciosas afirmações tiveram o resultado que era de esperar, o mandarim despediu-o, para admittir um medico professando theorias de character mais conservador.

Tão injusta condemnação das suas idéas liberaes e avançadas causou, como devem suppôr, profundo desgosto ao sabio Ua Uong, e este resolveu abandonar de vez a patria e o lar, e escolheu para centro de sua futura actividade scientifica a mui illustrada capital da California. E ali, n'este seu novo campo de acção, não tardou muito que não encontrasse ensejo de manifestar a sua extrema proficiencia, tractando individuos de raça branca, apesar de que os seus fóros de medico sabio lhe tolhiam o aventurar-se n'este terreno. «Que enormidade!» exclamava o mestre Ting, quando ouviu um medico europeu, que viajava pela China, e que, achando-se de passagem em Kuen-Kiang-Hieu, opinou que era indispensavel amputar uma perna a um padre da missã jesuitica, victima de um qualquer accidente. — «Que audacia! que atrevimento inaudito!» Quem é que pode advinhar como serão construidos estes corpos d'estes europeus?! Quem haverá que seja capaz, n'estes casos, de saber em que qualidade de estofo vae cravar a agulha!?

E d'ahi, Ua Uong, como aliás succede a todo e qualquer medico chinês, é, em quanto a conhecimentos anatomicos, um tanto ou quanto fantasta, no que tem certa desculpa, visto como as leis do Celeste Imperio prohibem terminantemente ao medico a disseccção de corpos humanos. Ua Uong crê firmemente que existem estreitissimas relações entre os principaes orgãos do corpo humano e os cinco elementos — a madeira, a terra, a agua, o fogo e o metal. — Que estes elementos estão sob a dependencia das cinco correntes atmosfericas: — este, leste, norte, sul e central ou mediana — e dispostos em absoluta harmonia com as cinco côres: amarello, verde, branco, vermelho e preto. Que o coração obedece á influencia do elemento fogo, o qual depende das correntes do sul, e é regido pela côr vermelha. N'esta conformidade, em todas as alterações do coração, é preciso que este seja defendido do calor e da secura, e que, no respectivo tractamento, o facultativo adopte apenas medicamentos negros, porque a côr preta desonvole o elemento agua, e está em estreitas relações com as correntes do norte. As theorias de Ua Uong a respeito do pulso são assaz barbaras e pouco proprias a

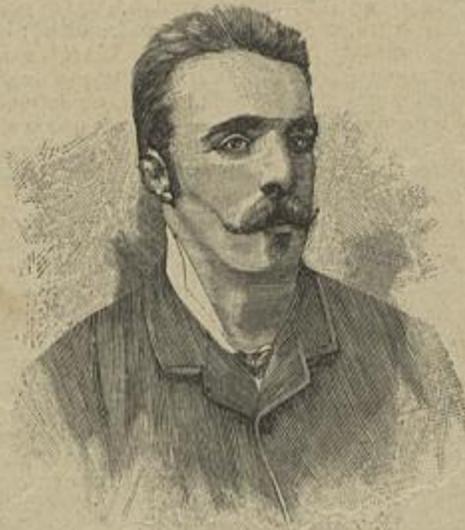


BONS AMIGOS

convencer o europeu «incredulo e ignorante» — O sabio medico afirma e sustenta que as pulsações são de varias especies e correspondem ao coração, ao figado, ao fofe e a todos os orgãos em geral. Que, para as determinar com exactidão, é indispensavel palpá-las todas, successivamente e por mais de uma vez. Quando Ua Uong tenta achar, por exemplo, o pulso n.º 24, de qualquer enfermo, dir se-hia que o corpo da infeliz victima se transformou em teclado de um forte piano, e o douctor em virtuose, executando variações de bravura. — Attribute a maxima importancia á relação existente entre os pulsos em ambos os lados do corpo; taes como o pulso masculino, que vem manifestar-se no ante-braço, o terrestre, cuja acção é sensível na tibia, e o celeste que melhor se consulta no pescoço. No dizer de Ua Uong, o pulso masculino deve ser consultado apenas com tres dedos, o indicador o annular e o medio. Ao dedo indicador, vem revelar se as alterações do figado, ao medio quaesquer desordens na espinha, e o annular vae descobrir desarranjos no coração. Em seguida á consulta methodica dos diversos pulsos, o mestre procede a escriptulosa observação do estado do resto do corpo: apalpa, comprime, fricciona o pobre doente, desde a arca thoraxica até ás canelas e vae, por este meio, encontrando agua corrompida, sangue em decomposição ou coagulado, ar accumulado, febre solapada, etc., etc.

A theoria das infecções virulentas que constituem o germen das varias doenças, não é menos curiosa que a do pulso. O virus vem inocular-se no corpo humano, quando a creatura ainda está no estado embryonario: a sua acção anda estreita-

mente ligada ao elemento fogo, e permanece incubada e em estado latente, até que uma importante causa externa a obrigue a manifestar-se, e portanto, o tratamento de qualquer enfermidade



O SOCIALISTA JOÃO VOLDERS

só deve ser emprehendido nos dias *auspiciosos*, devendo, pois, escriptulosamente evitar-se os dias 11 e 15 dos mezes. Afim de investigar a causa da doença e para verificar, ao mesmo tempo, em que parte do organismo está localisado o mal, o sabio introduz nes ventas do pobre doente uma bola de algodão (ou uma codea de pão previamente amolecida em agua) empregnada de lympha, porém, de forma a não impedir a respiração.

Ora, como na opinião de celebre medico, o nariz é válvula exterior dos pulmões, a lympha que n'elle se introduz inocula o virus nos mesmos, repartindo-o por ambos egualmente. Os pulmões, a cuja acção estão submettidos os cabellos, communicam o virus ao coração seu dependente, o qual a seu turno governa o pulso, transmitindo este o mesmo virus á espinha, a qual rege as carnes, e o vae depositar, em parte, no figado, que tem acção sobre os tendões e impelle o virus para os rins. Os rins governam os ossos, e é nas juntas dos ossos que existem alojados todos os germens virulentos e, portanto, a influencia da lympha vae desalojal-os do primitivo esconderijo e, com auxilio de outras influencias externas, manifestam-se então á superficie do corpo, por determinados symptomas.

(Continua)

Pin-Sél.



Recebemos e agradecemos:

*Boletim, da Sociedade de Geographia de Lisboa, 1896.*

Temos presentes os n.ºs 7 a 10 da 14.ª serie. N'elles vem publicados trabalhos de variadissimas naturezas e todos á altura da conceituada revista da importante agremiação scientifica Lisbonense. Salienta se entre esses notaveis estudos o relatório intitulado *Padroado de Portugal em Africa*, redigido pelo rev.º bispo de Hymeria. Pela sua leitura se infere quanto a prelasia de Moçambique deve á actividade e direcção do illustre prelado.

*A Nova Revista, — N.º 2 — Director Adolpho Caminha. Fevereiro de 1896, etc. Rio de Janeiro.*

Quando noticiamos a apparição do primeiro n.º d'esta excellente publicação dissémos sinceramente quanto apreço ella merece pela selecção da sua redacção. Seria insistir, como que em reclamo, ajuntar mais ao que então escrevemos.

Entre os artigos d'este numero merecem especial menção: *As arcadias no Brazil, O Evangelho socialista e Repercussão do pensamento philosophico sobre a mentalidade brasileira.*

Encerra varias poesias entre ellas a do benemerito propagandista francez da litteratura portugueza sr. Brinn Gaubert.

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

### Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

## A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

*Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.*

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39